

Manuel Alegre

BAIRRO
OCIDENTAL

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
2015

ÍNDICE

I

- Flor de la Mar 11
Arte de pontaria 12
Pátria minha 13
Cassandra e a Troika 15
Resgate 16
Bairro Ocidental 18
Hora inversa 19
Flor de la Rosa 22
Este rio 23
Senhora do desassossego 24
Variações sobre o desconcerto do Mundo 25
Libertação 26

II

- Navarra 29
Berlín: rio e Rosa 30
Lenda dos cavalos brancos 31
O comedor de fogo 33
Eis que 34

Teoria do outro	35
Gramática não guarda a vida	36
Flor	37
Poema e cão	38
Escondido no sono	39
Elegia de Setembro	40
Buracos negros	41

III

E de súbito a História	45
Paris 64	46
O vento e as folhas	47
Velhos cadernos quadriculados	48
Com todas as palavras	49

I

FLOR DE LA MAR

Trago dentro de mim a nau simbólica
Flor de la Mar: navegação do espírito
Nau Nação. Aquela que se fez para fora
e se perdeu para dentro. Sou essa Nau
Memória. Talvez perdida. Talvez esquecida.
Sou essa viagem de circum-navegação
à volta do Mundo e de mim mesmo.
Nau Ideia. Sem ela nós não somos nada
não mais que um bairro perdido a Ocidente
com ela se navega mesmo se parada
só com ela se pode chegar ainda
ao que dentro de nós é sempre ausente.
Nação que foi Europa antes de Europa o ser
Flor de la Mar: quatro sílabas com que se diz
o nome do poema
e do país.

ARTE DE PONTARIA

Invadiram os séculos que estão dentro de nós
invadiram a língua o canto o ritmo
antes fossem exércitos fardados
antes as botas de um invasor visível
não estes missionários da nova fé
com seus mercados sobre os nossos ombros
e seus discursos de sílabas pontiagudas
para gente de espinha de curvar.
Quando eles falam o céu fica cinzento
e há um rasto de cinza e desamparo.
Apetece pegar no poema
e disparar.

PÁTRIA MINHA

Entre nós e o futuro há arame farpado
levaram o que se via além de nós
não resta mais que a ponta do nariz
como esperar agora o inesperado?
Somos do Sul e o saldo somos nós
contra o bezerro de ouro o teu quadrado
o poema tem de ser o teu país.

Entre nós e amanhã há uma taxa de juro
uma empresa de *rating* Bruxelas Berlim
entre hoje e o futuro há outra vez um muro
resgate é a palavra que nos diz
tens de explodir o não dentro do sim
não te feches em torres de marfim
o poema tem de ser o teu país.

Toutinegras virão cantar contigo
e os melros que se escondem nas vogais
e o morse aflito e rouco da perdiz
nas sílabas que avisam do perigo

e as lanças das consoantes e os sinais
por dentro das palavras que mais
do que palavras são o teu país.

Oiço dizer Europa mas Europa
é uma nau a chegar ao nunca visto
Flor de la Mar: e o Mundo em tua boca.
Navegação: madre das cousas. Isto
é Europa. País no mar. E vento à popa.
Não este não arrisco logo existo
de cócoras à espera de uma sopa.

Um cheiro de jasmim a brisa nos salgueiros
entre nós e o futuro um silêncio nos diz.
O saldo somos nós: trinta dinheiros.
Pátria minha quem foi que te não quis?
Entre nós e o futuro a terra e a raiz
e a Flor de la Mar e os velhos marinheiros
e o poema onde respira o teu país.

CASSANDRA E A TROIKA

Então Cassandra apareceu na rua
trazia um cartaz para entregar à Troika
saúde educação dizia ela. E havia
em seu olhar a cólera e a beleza
ela era a filha de Príamo aquela
por quem Apolo se apaixonou
nos seus ouvidos passaram as serpentes
e por isso ela ouvia o que ninguém ouvia
tinha vindo para avisar que a Troika
é o novo cavalo falso dentro da cidade
os seguranças rodearam-na mas ela falava
seus longos cabelos soltos sob o sol de Lisboa
clamava por justiça e dignidade
ouvissem ou não ouvissem ela era a sibila
e apontava o cavalo dentro da cidade.

RESGATE

Há qualquer coisa aqui de que não gostam
da terra das pessoas ou talvez
deles próprios
cortam isto e aquilo e sobretudo
cortam em nós
culpados sem sabermos de quê
transformados em números estatísticas
défices de vida e de sonho
dívida pública dívida
de alma
há qualquer coisa em nós de que não gostam
talvez o riso esse
desperdício.
Trazem palavras de outra língua
e quando falam a boca não tem lábios
trazem sermões e regras e dias sem futuro
nós pecadores do Sul nos confessamos
amamos a terra o vinho o sol o mar
amamos o amor e não pedimos desculpa.

Por isso podem cortar
punir
tirar a música às vogais
recrutar quem os sirva
não podem cortar o Verão
nem o azul que mora
aqui
não podem cortar quem somos.

BAIRRO OCIDENTAL

Na Eurolândia tudo é permitido
bruxela-se um país berlina-se outro
um dia ao acordares estás eurodido
e o teu país efemizado é só um couto.

Um sítio à venda: Bairro Ocidental.
Não já o rosto com que Europa fita
mas a teta dos juros e do capital
com sol pròs velhos da Europa rica.

Não digas pátria: essa palavra está malvista
proibida pelo Império Orçamental.
Eurogrupado: tu e os maus da fita
filhos do Sul e do pecado original.

Lá vem a Nau Catrineta e o capitão-general.

Letra a letra outra Europa aqui foi escrita
canto a canto com sílabas de sal.
Desculpem se não estou de alma contrita
não sei ser europeu sem Portugal.

HORA INVERSA

Vi hoje as caravelas a morrer no Tejo
morriam nos teus olhos onde as ilhas
já não traziam maravilhas e o desejo
como barco sem velas e sem quilhas
navegava ao contrário em cada beijo.
Só os cavalos corriam sem rédeas nem cilhas.
Tágides minhas onde sois que vos não vejo?

Procurei no teu rosto mas não estavas
e lá de onde te encontras não se volta
já não há nautas para as ondas bravas
nem fogo nem revolta nas palavras
agora já não travas tua morte à solta
nem eu sei se começa onde acabas.
Sou o último esquadrão mas não há escolta
para trazer de volta amor que tu buscavas.

Voavam longe os pássaros garajaus
anunciavam terra dizem os cronistas
agora há pescadores e turistas
tainhas e gaivotas na Ribeira das Naus
outras rotas sem ti nem ilhas nunca vistas.
Sopram os ventos frios de Dezembro
eterno é o que se perde o resto passa
há uma ode por ti tu és a Praça
um círculo se traça: esqueço e lembro
o teu corpo me abraça e não me abraça
em ti me apago e só por ti me acendo.

Vi hoje as caravelas a morrer e ouvi
o canto ocidental na praia extrema
e vi o ponto cardeal além de ti
nem sei de outro sinal: que a terra trema
teu rosto me chamava e eu o perdi
não resta mais que o sítio do poema.

Eu não sei porque morrem as caravelas
e com elas teus braços e teu rosto
dizem que certas noites passas pelas
praias onde nos guias das estrelas
e há sempre um marinheiro no seu posto
há o teu nome escrito em brancas velas
onde às vezes se vê um rei deposto.

Hora inversa: nem sonho nem Deus nem obra.
Aqui já tudo foi um começar.
Nas sílabas de agora um sino dobra
capelas imperfeitas sob o mar.

Como chegar onde ninguém responde?
Sombra de sombra um rosto vem e foge
não há tempo no tempo não há onde.
Harpas do vento trazem-me o arpejo
de um desejo a morrer na praia extrema.
Chamo por ti aquém e além poema. Vi hoje
as caravelas a morrer no Tejo.

FLOR DE LA ROSA

Para António Borges Coelho

Digo Flor de la Rosa e estou a entrar em Goa
trazendo a bordo moribundo Afonso de Albuquerque.
À vista da cidade ele dirá: «*Credo.*»
E nada mais dirá. Trazemos às costas
um império a morrer e há
em nós um pouco desse homem imponente
que já morto vai ser passeado como um rei
pelas ruas de Goa.
O sonho que leva colado à pele
já não cabia em Lisboa.
O que morre com ele é mais do que ele.